

a actos menos escrupulosos e a uma certa generosidade — Maria Tereza, a sobrinha, é uma rapariga digna que põe o seu amor acima de todas as falsas compensações, e pelo exemplo, pela dedicação e coragem, traz Jorge ao caminho da dignidade. As outras personagens, acidentais, estão bem, à excepção de Júlio, um intelectual onanista, que entra nuns diálogos inúteis sem participar na acção.

Não se pode negar a esta peça o interesse do problema que apresenta, verdade de situações, qualidade rara entre nós; não nos parece, porém, que a sua realização seja a melhor — há demasiado intelectualismo, retórica, preconceito de fazer literatura, em muitas páginas; os argumentos nem sempre têm a densidade de razão possível; o fecho parece-me em contradição com o temperamento dos personagens; exigia-se, a meu ver, uma atitude diferente de Maria Tereza.

Uma só vez na vida é pela sua estrutura, de fala e presença resumida a dois personagens em cada quadro (com raríssimas excepções), insusceptível de sucesso cénico. Mesmo como teatro escrito as qualidades de *Transviados* são menos presentes e os seus defeitos multiplicados por *n*.

José Régio é um post-faciador confuso, sem interesse. — (J. NAMORADO).

p o e m a s

GARCEZ DA SILVA

(Livraria Portugália, Lisboa, 1941)

De há 4 anos para cá, muito se tem falado de interiorismo e abstraccionismo em arte, opondo-se-lhe uma nova concepção objectivista e concretizante. Passado o primeiro período de confusão, agora as ideias estão já assentes e definidas. A nova corrente, depois de ter ensaiado os primeiros passos, cambaleando ainda, firmou-se, e aqueles que ainda duvidavam de que a arte pudesse ser mais do que delírios no irreal e mergulhos no *eu* e pediam insistentemente obras, obras foram dadas: estão hoje já

publicados uns tantos romances e uns tantos livros de poesia que deixam antever o que poderá ser uma arte que encare a realidade total da vida e em que ela não seja mais truncada nem falseada, em que nenhum dos seus aspectos seja relegado para segundo plano e em que, desses mesmos aspectos, não sejam esquecidos ou até iludidos, deliberadamente, precisamente os mais importantes.

Mas se é certo que esta é a atitude do artista consciente, do artista que, homem do tempo que passa, está mais em contacto com a vida e dela tem, por várias razões, um maior conhecimento, não é menos certo que muitos dos novos que agora começam — ou porque, pouco sentindo o drama do homem de hoje e pouco sabendo dos problemas literários da nossa época, apenas querem seguir a *moda*; ou porque, não acontecendo embora uma coisa nem outra, não sejam contudo artistas, ou melhor: poetas, visto que é um livro de poesia que iremos falar; ou porque, afinal de contas, muito simplesmente não tenham ainda aquela experiência da vida que os habilite a exprimirem poeticamente a vida — nos dão uma poesia que, querendo ser nova, enferma de muitos dos vícios da poesia decadentista: uma maneira indirecta e imprecisa de tratar os temas, ali onde deveria haver uma expressão directa e incisiva, em que a emoção poética se perde, submersa por imagens, metáforas e símbolos.

Vêm estas considerações a propósito do livro *Poemas* de Garcez da Silva em que estes mesmos senãos se notam.

É exacto que surgem aqui e acolá notas de verdadeiro realismo — *Sombra, Conquista*, por exemplo — mas noutros poemas encontra-se ora o gasto simbolismo da

... gente que deserta com medo do mar
Mas eu quero embarcar.

ou a imprecisão de *Caminho*, ou ainda a expressão humanitário-idealista de *Água da minha fonte*.

No entanto, Garcez da Silva parece-me um poeta. Que viva, que leia, que estude, e esperemos que o seu próximo livro seja mais vivo, mais forte e mais conciso do que este. — (J. J. C.).